

DO PIDGIN À LÍNGUA CRIOULA: HIPÓTESES SOBRE O FENÔMENO DA CRIOLIZAÇÃO

CLARA COUTO FERREIRA
MIRIAN ROSE BRUM DE PAULA

Universidade Federal de Pelotas – claracoutoferreira.01@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – brumdepaula@yahoo.fr

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado *Do pidgin à língua crioula: hipóteses sobre o fenômeno da crioulização*, compreende às hipóteses relativas à emergência das línguas crioulas e, por conseguinte, o status linguístico do que é denominado pidgin ou língua pidgin na literatura da área, já que pidgins dão origem às línguas crioulas. Com a finalidade de compreendermos a origem e o desenvolvimento de um novo sistema linguístico, a escrita deste trabalho irá ater-se a uma revisão bibliográfica da temática acima aludida. Sendo assim, apoiaremos-nos em TARALLO (1987), COUTO (1997), ALKMIN (1987), PINKER (2005) e JANSON (2015), principalmente.

Com a finalidade de compreendermos a origem e o desenvolvimento de uma língua, iremos, inicialmente, revisar as diferentes definições do conceito de língua. Na sequência, também definiremos os termos pidgin e crioulo (ou língua crioula). Posteriormente, será traçada a diferenciação entre língua e pidgin.

Após a realização dessas definições, que recorrerão às pesquisas da área dasociolinguística e da psicolinguística, será investigada e analisada a gênese do pidgin e as condições necessárias para seu processo de formação e desenvolvimento. Ou seja, revisitaremos diferentes hipóteses que visam a lançar luzes ao fenômeno da *crioulização*.

O trabalho tem por finalidade melhor compreender o processo evolutivo das línguas e, particularmente, das línguas crioulas. Para tanto, compilaremos obras já existentes sobre o tema, debateremos conceitos e as hipóteses encontradas sobre o surgimento de novos sistemas linguísticos.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta caráter bibliográfico e qualitativo. Assim, como propósito para realização desta pesquisa analítica-descritiva, esse trabalho de iniciação científica visa a acumular conhecimento sobre estudos referentes a *crioulística*, ou seja, no que concerne os pidgins e as línguas crioulas.

Enumeraremos, revisaremos e selecionaremos as hipóteses encontradas e, dessa forma, elegeremos a(s) que mais se aproxima(m) da perspectiva sociointerativa. Serão utilizados catálogos de teses e dissertações, Google

Acadêmico e bibliotecas virtuais científicas como a SciELO que, já abordaram o estudo da *crioulística*, assim, contribuindo para este trabalho e expandindo a rede de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho encontra-se em desenvolvimento. Delinearam-se, atendendo os objetivos citados, as consecutivas hipóteses até o momento:

- 1. A língua como objeto de estudo dentro análise do fenômeno da crioulização:** isto é, a língua interpretada, principalmente, não apenas como um veículo de informação, e sim por meio da abordagem sociointerativa, isto é, “um conjunto de fatores definidos pelas condições de produção discursiva” (Marcuschi 2023, p. 64). Assim, ocorrendo a criação de expressões de sentidos baseando-se em textos produzidos em contextos interacionais. Assim, a língua como forma de ação, desenvolvida colaborativamente pelos indivíduos nos contextos mercantis, latifundiários e políticos.
- 2. Os indivíduos da língua submissa não rejeitaram suas línguas:** nesse trabalho diferencia-se língua de pidgin, pois os indivíduos formaram os pidgins em contextos de intercomunicação com o objetivo de proporcionar a viabilização do contato. Desse modo, em uma “situação histórica de contato entre populações cultural e linguisticamente distintas” (Tarallo; Alkmin, 1987 p. 76).
- 3. Do pidgin a língua crioula - o indivíduo faz uso de estratégias linguísticas particulares:** sem normas reconhecidas, um exemplo é a ausência de sintaxe. Além disso, nesse contato, predominam estruturas lexicais da língua dominante. Esta pode ser considerada uma fase de transição com objetivo de estabilização. Sendo assim, a comunicação se viabiliza pragmaticamente, com forte apoio em fatores contextuais e situacionais. De acordo com Tarallo e Alkmin (1987, p. 76), no que tange à “situação de emergência e urgência linguística”, os pidgins, em contexto de línguas em contato, apresentam função auxiliar. No entanto, com o estudo compilado até agora, em alguns casos, o processo de crioulização, ou seja, um pidgin que se expande e torna-se uma língua crioula, evolui, por meio da tradição “de pai para filho”, assim acarretando “a aquisição de falantes nativos: as crianças” (Tarallo e Alkmin, 1987, p. 15).
- 4. Consolidação da língua crioula:** em primeiro momento, o crioulo sempre será o resultado do pidgin anterior. O crioulo tornar-se uma língua nativa, expandisse, se estabilizando, enriquecendo-se, e tornando-se complexo com funções sociocomunicativas. Destaca-se: a ligação entre uma evolução estrutural e uma evolução funcional necessita-se relacionar.

De acordo com Hymes (1971), por meio de um diferente viés, na questão do surgimento de crioulos, ao analisar o processo de produção de uma língua autônoma, ele nos diz que devemos considerar “o processo de individualização de um ‘novo’ sistema que se distancia da norma linguística socialmente dominante”. Para Hymes (1971) esse processo ocorre: Primeiro, “na forma interna das línguas”, assim,

ocorrendo “redução ou expansão”; Segundo: “na forma externa das línguas”, possibilitando “amplificação ou complicação”; E em terceiro, o domínio de uso “de uma variedade linguística, aqui fala-se da “restrição ou extensão”.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho convida o leitor a reflexão quanto ao seu aprimorando no âmbito de conhecimento sociolinguístico, diante ao processo evolutivo das línguas crioulas. Ou seja, essa dissertação propõe-se em expor hipóteses sobre o fenômeno da *crioulística*, o conhecimento etimológico das línguas crioulas.

Concluimos que há a importância de promover visibilidade à língua crioula e aos processos que a envolvem, já que, em algumas nações, embora não seja a língua oficial, é considerada língua do povo e língua materna. Desse modo, permitindo a nós reflexões sobre seu uso e a sua manutenção. Segundo Tore (2015, p. 211), “as formas linguísticas que os pesquisadores modernos têm identificado como línguas crioulas se contam em torno de cinquenta ao todo.” Em comum, inglês, francês ou português, todas usam vocabulário de base europeia.

Para além, ressaltamos: a língua é entrelaçada ao indivíduo, faz parte da sua história. O indivíduo que conscientiza-se da historicidade não só da sua língua, mas também de outra, é ciente da história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

HYMES

JANSON, Tore. **Speak: a short history of languages**. Oxford University Press, 2002.

JANSON, Tore. **A História das Línguas: uma Introdução**. São Paulo: Parábola, 2015.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

TARALLO, Fernando.; ALKIMIN, Tania. **Línguas em contato**. São Paulo: Editora Ática, 1987.